

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS  
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO  
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS  
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 100 — Domingo, 8 de Maio de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## UM TEMA OPORTUNO

# SERVE-NOS a civilização?

Pelo Eng. VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

**S**EMPRE que o intenso trabalho que tenho diariamente entre mãos, ou a considerável indispensável companhia a meus filhos, me permitem alguns momentos de repouso, é na leitura do pouco que consigo ler, entre o muito que desejaria poder ler, que encontro satisfação para meu espírito.

Entre as leituras que ultimamente fiz, figura a de uma longa reportagem de um que viveu sete anos no interior de África, na região onde os pigmeus habitam.

Ele era o director de um posto de sanidade; ela a companheira e ajudante de seu marido.

Entre os factos que me impressionaram nessa leitura, figura a citação da felicidade que os pigmeus usufruíam por não conhecerem as exigências da civilização. Um punhado de certas sementes, um pouco de caça grossa e algum sal, constituíam tudo quanto desejavam usufruir. Eles caçavam. Elas lidavam o campo e a casa, e cuidavam dos filhos.

A arma de fogo era-lhes vedada. A simples tanga constituía o seu vestuário.

E a encantadora auxiliar do director do posto de sanidade, que examinava atentamente toda aquela gente, que a estimava porque deles cuidava, perguntava bastas vezes a si própria se precisariam eles de conhecer as inúmeras vantagens que a civilização trouxe ao homem, à mulher e à criança.

## ABASTECIMENTO DE ÁGUA

### A ALCOUTIM E OLHÃO

O sr. ministro das Obras Públicas, pelo Fundo do Desemprego, concedeu às Câmaras de Alcoutim, para pesquisas de água destinada ao abastecimento da vila, reforço, 85.000\$; e Olhão, para abastecimento de água à vila, reforço, 125.000\$00.

## A NOSSA TERRA

# HÁ TRINTA ANOS...

**D**EVERIAM os saudosistas (a começar por nós próprios) meditar um pouco nas verificações e comentários adiante transcritos, e que saíram da pena dum espírito lúcido e bem intencionado, amigo da nossa terra, que mais tarde se revelou como apreciado escritor — o comandante Jayme do Inso. Lamentando a falta duma filarmónica, dizia:

«Vila Real... não tem uma música! Isto é uma falta, não-de concordar. Que não é só uma questão de orgulho bairrista, é também um factor de educação do povo.»

## FOI SANCIONADA

### A CRIAÇÃO

## DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

**P**ELO Ministério do Interior, foi publicada uma portaria que aprova a deliberação da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, relativa à municipalização dos serviços de captação, condução e distribuição de água potável, e produção, transporte e distribuição de energia eléctrica.

*E' evidente que tudo quanto a ciência e a medicina pudessem produzir e tratar, no campo da doença ou do desastre, seria bem vindo. O próprio feiticeiro o reconhecia, quando os anti-bióticos entravam em acção operando como que milagres.*

*Mas, ser-lhes-iam úteis a máquina fotográfica, a máquina de barbear, o frigorífico, o aparelho de rádio, o «jeep», a arma de fogo de bala explosiva, os vestidos de tarde e de gala, os factos de desporto e de cerimónia,*

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## SILHUETAS DO MEU TEMPO

# O CABO CORDEIRO E UM CHARADISTA EM APUROS

Por FERNANDO MORAIS

**A**INDA me parece que estou a vê-lo, já velhote, depois de reformado da Guarda Fiscal, mas mantendo sempre um apumado e sólido arcaboço de atleta; cabeça leonina, fazendo lembrar o marechal Hindenburg, fornida bigodada de portamachado e um vozeirão estentóreo, em que dissertava horas seguidas sobre os assuntos mais dispares, com incrível facúndia e volubidade.

Ao escutarem-lhe as arengas de pitoresca retórica, num amálgama desconexo de temas históricos e metafísicos, com retalhos de citações italianas e francesas, tudo ilustrado por intermédios de ópera, em assobio, os ouvintes arremelgavam o olho, pasmados por tanta sabedoria, e confessavam: — «Sim, senhores, o nosso cabo Cordeiro sabe mais que um doutor!»

Efectivamente, quem o conheceu de perto bem teve ensejo de apreciar os seus inegáveis talentos de orador, apurado calígrafo e rápido calculador aritmético,

admirando a sua fenomenal memória, que retinha e reproduzia facilmente o que lera e ouvira. Até retalhos de frases em línguas estrangeiras, que escutara na rádio ou em sermões, sem as compreender, surgiam depois a esmaltar os nacos de oratória com que brindava o auditório eventual, e cuja impecável pronúncia denotava singulares faculdades que fariam dele um exímio linguista se, em vez de belicoso opositor da candonga, tivesse podido estudar Letras.

Era uma interessante conjugação de tribuno e filósofo popular, e uma vocação literária digna de melhor aproveitamento, este autodidacta e humorista, que já conheci no ocaso da vida, e a quem as fraquezas dionisíacas causaram uma velhice atormentada, fértil de escaramuças domésticas, como a tiveram Sócrates e Milton, em que a consorte chegava a esconder-lhe as calças, para impedir-lhe de sair de casa.

Nos últimos tempos da sua vida, já era muito raro vê-lo na rua, mas nos fins dos meses, quando ia receber a sua reforma de graduado do fisco, utilizava em pleno o seu quinhão, desforrando-se da forçada abstinência mensal, e então é que era ouvi-lo com regalo. Ainda retento na memória um breve trecho duma peroração que lhe ouvi no antigo jardim, em noite luxurante que prateava aquele extinto refúgio dos tristes, con-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

## UMA NOITE DE ARTE EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

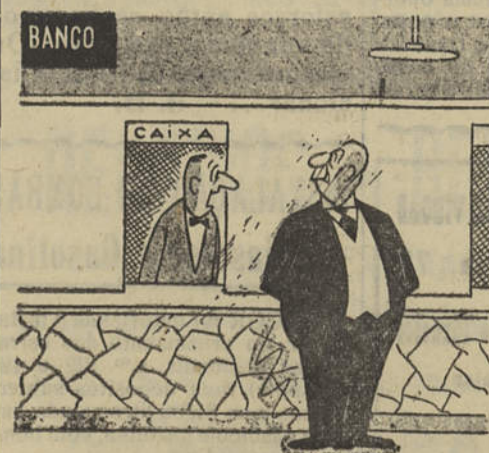
# O SARAU DO ORFEÃO DE TAVIRA

**A**BORRECIDAS limitações de espaço obrigam-nos a circuncresciver-nos a umas breves notas de apreciação, quando o nosso desejo seria termos uma descrição mais ampla — porque o merece — do que

foi a noite de arte musical e cénica que o simpático agrupamento de juvenis balsenses veio proporcionar ao público da nossa terra. Os bons momentos de recreio passaram agradavelmente, mas do espectáculo ficou-nos, a nós, vilarrealenses, uma excelente recordação e, sobretudo, uma lição. Oxalá ela aproveite!

Fomos, pois, assistir à apresentação da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, de Tavira, levada a efeito no passado dia 5, no Cine-Foz. E diga-se de passagem, sem qualquer intuito de recriminação, que tivemos de conseguir bilhete pago, em vista de não termos recebido o habitual convite da Imprensa, certamente por esquecimento.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



O CAIXA: Senhor Silveira, peço que me dispense da parte da tarde, porque eu hoje não me estou a sentir muito honesto.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Por CARLOS DE RIOBOM

**O** MEU vaticínio saiu certo! Escrevi, há meses, que o Vietname estava a transformar-se acelaradamente num «no man's land», a caminhar para o caos e, desgraçadamente, assim aconteceu.

Quanto a Bao Dai, jamais algum imperador se ralou tão pouco ao ser deposto. Está-se marimbando, desde que o não destronem do belo reino da «Côte d'Azur», de Cannes; ou lhe mexam nos depósitos dos bancos suíços.

De resto, dou-lhe razão.

Foi sempre algo de semelhante a certos farmacêuticos... que emprestam, apenas, o nome para pôr na tabuleta do estabelecimento, sob condições. Como os franceses só lhe pagavam isso... matreiramente só muito à força... lá punha os pés.

O trágico, em toda a situação, não são as eleições assentes nas margens serenas do Leman, que se aproximam a passos largos. É o sangue do melhor da mocidade francesa, da Legião, dos Norte-africanos, que lá ficou para sempre — inútil, criminosamente sacrificado — para nada.

Ou eu me engano muito, ou não é preciso ser profeta para prever o destino... de tudo quanto resta da Indochina.

**N**A minha curta vida jornalística — ignoro mesmo se, por razões de ordem profissional, poderá durar muito mais tempo —

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

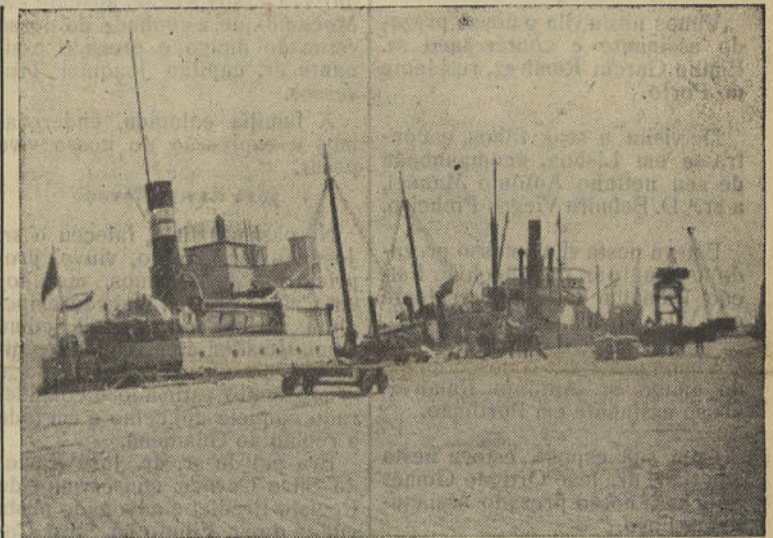
# VIAGEM PRESIDENCIAL À GUINÉ, CABO VERDE E MADEIRA

**U**MA nova jornada de unidade nacional foi empreendida com a visita do Supremo Magistrado da Nação às províncias da Guiné e Cabo Verde e à Ilha da Madeira.

A elevada significação e a consideração superior dos objectivos prosseguidos na

## DR. ANTÓNIO J. DE ALMEIDA

**F**OI colocado na Câmara Municipal de Loulé, como secretário da mesma, o sr. dr. António Joaquim de Almeida, que, há anos, exercia idênticas funções, com geral agrado, na Câmara Municipal do nosso concelho.



Cais acostável de Vila Real de Santo António

# AS EXPROPRIAÇÕES para a construção da nossa doca de pesca

**O** «Diário do Governo» publicou a seguinte portaria:

«Aprovado, por despacho de 11 de Março de 1955, o projecto de uma doca de pesca no porto de Vila Real de Santo António, de 26 de Junho de 1954: manda o Governo da República Portuguesa, pelo ministro das

Obras Públicas, declarar de utilidade pública e urgente as expropriações necessárias à sua execução, nos termos dos n.ºs 1 e 4 do artigo 12.º da Lei n.º 2030, de 22 de Junho de 1948 e do artigo 3.º do Decreto n.º 37.758, de 22 de Fevereiro de 1950, que a regulamentam.»

# Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

## Manhã citadina

*Sobem, na manhã luminosa, os pregões da cidade. Chego à janela e deparo com os vultos meus conhecidos de há tantos anos: a varina, o pescador ainda de calças de flanela com atilhos, o homem da hortaliça, a vendedeira de flores com um grande carregamento de oiro e de rubis.*

*Ah, mas não apregoam flores; nem peixe; nem hortaliça. Isso é o superficial. O que eles apregoam é a vida. É a paz. É o canto do prazer quotidiano de estar vivo, de trabalhar, de ser útil.*

## Dachau

*Estão lembrados, certamente. Dachau, a seara da morte, o laboratório das torturas. Li alguns que Dachau é «o monumento da vergonha do homem». Engano. É o monumento de vergonha e condenação não dos homens mas de um tipo de homens, de mentalidade, de forma de vida. Compreenda-se isto, para que se torne impossível repetir Dachau.*

## Epigrama

*Doutor de certa rudeza escreve, e diz-lhe o doente assim: «Mas, Doutor, tem a certeza de ser isso bom pra mim?» E o Doutor, longinquamente responde, de boa-fé: «certamente, certamente, ao menos para mim, é.»*

## Continuação

*Lembram-se daquele gato, do «Farrusco» de que lhes falei em tempos? Recordo-me de que se não o apresentei como símbolo da independência, faltava pouco. Agressivo, incapaz de se aproximar fosse de quem fosse. Agarrei-o uma vez e esfacelou-me um pulso. Pois o gelo quebrou-se. O «Farrusco» já não arranha a mão que lhe dá de comer. Deixa-se agarrar e, embora não esteja completamente à vontade, fecha os olhos — e seja o que Deus quiser...*

*A pedagogia da não-violência, da suavidade, da extrema compreensão, teve assim, na pessoa do «Farrusco», uma vitória estrondosa!*

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

# REFEITÓRIO DE INDIGENTES

Refeições distribuídas durante o mês de Abril, findo:

A pobres de Monte Gordo	5.000
A pobres desta vila	2.805
Total	5.605
Leite fornecido a doentes pobres, litros	165
Importe das 5.605 refeições.	Esc. 9.911\$50
Donativos em dinheiro a indigentes	740\$00
Total dispendido Esc.	10.651\$50

O leite distribuído foi oferecido ao Refeitório, e o seu valor não entra nas verbas mencionadas.

Os números apresentados dizem bem da importância da assistência.

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Com sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Eurídice Rosa Messias e seu filho Tói, esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Domingues Messias, residente em Almodôvar.

Vimos nesta vila o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Emílio Garcia Ramirez, residente no Porto.

De visita a seus filhos, encontra-se em Lisboa, acompanhada de seu netinho António Manuel, a sr.<sup>a</sup> D. Belmira Viegas Pinheiro.

Esteve nesta vila o nosso prezado assinante sr. capitão João Falcão Ramalho Ortigão, residente em Vila Viçosa.

Vimos nesta vila o nosso querido amigo sr. António Ramirez, nosso assinante em Portimão.

Com sua esposa, esteve nesta vila o sr. dr. José Ortigão Gomes Sanches, nosso prezado assinante em Faro.

Esteve entre nós o nosso prezado amigo e distinto colaborador, sr. capitão António Gonçalves.

Regressou da Ilha Terceira, Açores, onde esteve a cumprir o serviço militar como oficial miliciano, o nosso conterrâneo e amigo sr. Eurico Duarte Baltazar, filho do nosso estimado amigo sr. Diamantino M. Baltazar.

Com sua netinha, partiu para Lisboa a sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. dr. João Domingues Medeiros.

Regressou da sua casa em Pontevedra o nosso amigo sr. Serafim Cal Garrido.

Encontra-se em Lisboa o nosso prezado assinante sr. José do Carmo Perrolas Júnior.

### Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.<sup>a</sup> D. Ilda Dias Martins Belião, esposa do nosso estimado assinante sr. Jaime dos Mártires Belião.

### Casamento

No passado dia 2 do corrente, teve lugar, na Igreja Paroquial desta vila, o enlace matrimonial da sr.<sup>a</sup> D. Mariana dos Mártires Rufino, filha do sr. Joaquim Rufino e da sr.<sup>a</sup> D. Rosa dos Mártires Rufino, com o sr. Sebastião Nôja Figueiredo, filho do sr. João Zeferino Figueiredo e da sr.<sup>a</sup> D. Maria Nôja da Encarnação.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Felicidade Marques Belião e o sr. Francisco Ribeiro Alves, e por parte do noivo, a sr.<sup>a</sup> D. Francelina Felicidade de Rufino e o sr. Joaquim Fernando Figueiredo.

Ao novo casal, deseja o «Notícias do Algarve» as maiores felicidades.

## Refeitório de Indigentes

(CONCLUSÃO DA 1.<sup>a</sup> PÁGINA)

tência dispensada pelo nosso Refeitório, no primeiro mês de execução do plano de repressão da mendicidade local, levado a efeito pela Junta de Freguesia, por enquanto ainda em regime experimental.

Pelo que tem sido observado neste primeiro mês de actividade, pode afirmar-se que o problema tem solução, pois a mendicidade nas ruas desapareceu quase por completo.

Para se atingir a finalidade que se pretende, torna-se necessário: mais vigilância policial; mais colaboração da parte da população, evitando por completo a esmola à porta e nas ruas; e, sobretudo mais subscritores para o «Refeitório de Indigentes». Há muitas pessoas a quem foram enviadas circulares, que podem contribuir e que estão renitentes em se manifestar. Tratando-se de um problema que diz respeito à nossa terra, lembra-se o dever que a todos impende de prestarem o seu auxílio, na medida das suas possibilidades, pois não faz sentido que grande parte da população se mostre indiferente ao apelo que lhe tem sido dirigido. Se os pedintes já não os importunam, é justo que passem a contribuir para o Refeitório. Contamos já com o auxílio da Câmara Municipal, trabalha-se para conseguir do Estado um subsídio, mas, paralelamente, é indispensável que a população também corresponda, visto só assim poderemos tornar efectivo o nosso plano e solucionar, na nossa terra, o angustioso problema da mendicidade.

## Falecimentos

José António Rocha

No dia 2 do corrente, faleceu nesta vila o sr. José António Rocha, viúvo, de 80 anos, funcionário municipal aposentado, natural desta freguesia.

O extinto era pai das sr.<sup>as</sup> D. Almerinda Travassos Rocha e D. Mariana Travassos Rocha, e dos srs. José Travassos Rocha, residente na Póvoa do Varzim, Amândio Travassos Rocha, ausente em Moçambique, e cunhado do nosso estimado amigo e prezado assinante sr. capitão Joaquim Travassos.

A família enlutada, endereçamos a expressão do nosso vivo pesar.

José Xavier Cavaco

No passado dia 5, faleceu o sr. José Xavier Cavaco, viúvo, proprietário, de 81 anos, morador em Castro Marim, onde desempenhou vários cargos, tais como administrador do Concelho e director do Grémio da Lavoura, sendo muito estimado e considerado naquele concelho e em toda a região do Guadiana.

Era pai do sr. dr. José Xavier da Silva Cavaco, conservador do Registo Predial e advogado nesta vila, e do sr. Filinto da Silva Cavaco, funcionário da agência do Montepio Geral, em Faro, e cunhado do juiz-conselheiro, sr. dr. Sousa Carvalho.

O funeral teve lugar no dia seguinte, na vizinha vila, sendo o féretro acompanhado por pessoas de todas as categorias sociais da região.

A família enlutada, apresenta o «Notícias do Algarve» a expressão sincera das suas comovidas condolências.

Estes funerais estiveram a cargo da «Casa Funerária», de Emiliano Viegas.

Tenente António Rosa Júnior

Faleceu em Tavira, no dia 30 de Abril, passado, o tenente reformado do Exército, sr. António Rosa Júnior, de 67 anos, natural desta vila.

O finado deixa viúva a sr.<sup>a</sup> D. Maria Firmina Modesto da Rosa, era pai do sr. dr. Vivaldo Eurico Modesto da Rosa, médico em Macau, e irmão do nosso prezado assinante sr. Cristiano Viegas da Rosa.

A família enlutada, apresenta as sentidas condolências.



Eugénia Rodrigues d'Almeida

### AGRADECIMENTO

Sua família vem apresentar os protestos da sua gratidão pelas demonstrações de pesar que lhe foram prestadas, pedindo desculpa de só agora o fazer, motivado por doença de pessoa de família.

## Vende-se

Um moinho eléctrico para Café, marca ELKA.  
Uma medidora para Azeite, fabricante «A. Pessoa».  
Trata:  
Emílio Correia Ribeiro.  
Vila Real de Santo António

## TRESPASSA-SE

Ou arrenda-se estabelecimento comercial, nesta vila, com toda a existênci, muito bem situado, com dependência anexa para contra-loja ou qualquer ramo de comércio.  
Informa: João Inácio Pato, Rua Dr. Miguel Bombarda, 58.

## CASA FUNERÁRIA de EMILIANO DA CONCEIÇÃO VIEGAS

A MAIS ANTIGA DA VILA Rua Teófilo Braga, 77

Caixões e urnas com todos os pertences Funerais modestos e luxuosos

3 carretas funerárias e 2 panos de respeito de alto valor

Preços sem competência, podendo conceder-se facilidades de pagamento

FUNERAIS DESDE 150\$00

Chamadas a qualquer hora da noite, rua Eça de Queirós, 23-25, onde se limita a aguardar chamadas, sem importunar as famílias.

# ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

## Informações sobre conservas

Do «Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas», transcrevemos a seguinte informação:

«Foi recentemente criado na capital londrina um interessante serviço de informações ao público, sobre conservas.

Tal serviço funciona num dos pontos mais centrais da cidade e encontra-se equipado de modo a tornar atraente e fácil qualquer visita.

Destina-se a elucidar o público duma maneira geral, e em particular as donas de casa, sobre a melhor forma de aproveitamento das conservas, seu valor alimentar, possibilidades culinárias, variedade de produtos conservados, etc... etc...; mas, além destes ensinamentos genéricos, ministrados geralmente em cursos, os serviços estão também habilitados a satisfazer rapidamente todas as consultas particulares que no dia a dia estão sempre a surgir. São perguntas frequentes algumas como estas: Quanto tempo pode aguentar a minha conserva sem se estragar? Pode consumir-se apenas parte da embalagem, e guardar-se a restante? Em que condições? Pode utilizar-se o líquido contido na lata? Como saber ao certo se uma conserva duvidosa está em bom estado?

Os serviços comportam também uma secção de edições distribuindo elevada quantidade de brochuras, circulares e receitas culinárias. Trata-se, na verdade, duma organização (aliás particular) de grande interesse, quer para o público, quer para a indústria conserveira, pois que ao melhor conhecimento do produto corresponderá, por certo, a maior generalização do consumo.

Velharias, tudo isto! Pois então não costumam os nossos industriais meter nas caixas de conservas prospectos, redigidos em várias linguas, com indicações precisas sobre a melhor maneira de preparar as conservas, fornecendo aos consumidores saborosas receitas culinárias que contribuem para o maior consumo das mesmas? Sim, não é costume fazer-se isto? O nosso brio podia lá consentir que fossem os londrinos a ensinar a maneira de melhor se consumirem as conservas!? Era o que faltava! Então, que estamos nós aqui a fazer? Se não fosse a nossa diligência em ensinar os consumidores a valorizarem os nossos produtos por meio de acertadas preparações culinárias, como é que as conservas teriam tanta saída e como se conseguiria a valorização que elas têm? Sim, como é que isso se conseguiria? Ora, os londrinos do que se haviam de lembrar! De uma iniciativa que já tem barbas brancas cá em casa!

Na A'ustria — um país mais pequeno que Portugal — o «Terravinil» está a ser utilizado na pavimentação de laboratórios, farmácias, cafés, teatros, escritórios, etc.

Das matérias primas utilizadas no novo produto, temos à farta água e sal, o carvão pode vir de S. Pedro da Cova ou do Pejão ou do estrangeiro, com um preço reduzido de transporte, graças a dispormos de um bom porto. E as batatas também as podemos ter aos milhares de toneladas, desde que as mandemos vir das Beiras, a preço de saldo, em vez de apodrecerem ali, como já tem acontecido.

Mas valerá realmente a pena estar a gastar cera com tão ruins defuntos? Valerá a pena pregar a gente cujo poder de concepção e cuja capacidade de iniciativa são tão modestos? Quando nos convenceremos da inaniidade dos nossos esforços então acabaremos de vez com a pregação. Ou iremos para África missionar... — J. B.

## Transcrição

O artigo «Serve-nos a civilização?» da autoria do sr. eng. visconde de Almeida Garrett, focando brilhantemente um tema oportuníssimo e que merece o nosso incondicional aplauso, é transcrito, com a devida vénia, do nosso prezado colega «A Voz de Sintra».

As espécies que mais renderam foram: a pescadilha — 1.400.739 quilos, no valor de 11.989.406 pesetas e a xaputa — 1.322.149 quilos, no montante de 4.890.623 pesetas.

Creemos que esta última espécie abunda na costa da nossa província. Ora, tendo hoje a xaputa consumo industrial, não seria viável armarem-se alguns barcos que se dedicassem exclusivamente a esta pesca?

Por que não temos nós o domínio da iniciativa?

Por mais de uma vez temos abordado o problema da criação da indústria dos plásticos na nossa terra, onde abundam as matérias primas para o estabelecimento desse ramo extraordinário de actividade cujas possibilidades e limites estão ainda muito aquém da fantasia humana. Agora chega-nos a notícia de um novo plástico fabricado na A'ustria, que se denomina «Terravinil» e que é considerado a melhor cobertura para os pavimentos de saletas, cozinhas, casas de banho e quartos de criança.

O novo plástico é fabricado com a substância básica cloreto de polivinil, ou seja: carvão, água, sal e batatas, que se mistura, comprime, aquece e depois se faz passar por um laminador.

Os pavimentos de «Terravinil» apresentam as seguintes vantagens: — não precisam de ser encerrados; são impermeáveis e higiénicos; servem até como material de isolamento acústico; não são tão frios como a pedra e são fáceis de lavar; não exigem tantos cuidados como os soalhos de madeira, mas tornam-se igualmente quentes como aqueles e, finalmente, mostram-se resistentes perante a acção dos óleos, gorduras, ácidos, leixivas, álcool, benzina e do sol.

Na A'ustria — um país mais pequeno que Portugal — o «Terravinil» está a ser utilizado na pavimentação de laboratórios, farmácias, cafés, teatros, escritórios, etc.

Das matérias primas utilizadas no novo produto, temos à farta água e sal, o carvão pode vir de S. Pedro da Cova ou do Pejão ou do estrangeiro, com um preço reduzido de transporte, graças a dispormos de um bom porto. E as batatas também as podemos ter aos milhares de toneladas, desde que as mandemos vir das Beiras, a preço de saldo, em vez de apodrecerem ali, como já tem acontecido.

Mas valerá realmente a pena estar a gastar cera com tão ruins defuntos? Valerá a pena pregar a gente cujo poder de concepção e cuja capacidade de iniciativa são tão modestos? Quando nos convenceremos da inaniidade dos nossos esforços então acabaremos de vez com a pregação. Ou iremos para África missionar... — J. B.

## INSTALAÇÃO DE BOMBAS de Gasóleo e Gasolina

A SACOR foi autorizada a instalar, no cruzamento das estradas nacionais n.ºs 122 e 125 (Encalhe), dois depósitos subterráneos com 8.500 litros, cada um, para gasóleo e gasolina, com bomba automedidora.

Assinal e propague «Notícias do Algarve»

## PELA PROVÍNCIA

### VILA NOVA DE GAGELA

Sociedade Columbófila Gagalense

Realizou-se, no passado domingo, mais uma prova do seu calendário, cuja solta foi de Salamanca, classificando-se da seguinte forma:

Quintino de Sousa Marques, 1, 8, 9 e 10; António Martins da Silva, 2 e 7; João Guerreiro Madeira, 5 e 11; Luís Sequeira, 4; José Francisco Leiria, 5; José Francisco Pereira, 6; António Salgueiro Valongo, 12.

Hoje, realiza-se a prova de Vendas Novas, na distância de 187,595 Km.

### Falecimento

Depois de sujeitar-se a uma melindrosa operação, faleceu no Hospital Júlio de Matos, em Lisboa, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Celisa Sares Gambito, de 49 anos, casada com o sr. José Gonçalves Gambito.

A extinta era filha do sr. José Sares Correia, já falecido, e da sr.<sup>a</sup> D. Mariana Sares, e irmã do sr. José Sares Correia, residente em Vila Real de Santo António, e da sr.<sup>a</sup> D. Mariana Sares Reis, casada com o sr. António dos Reis, construtor civil.

Era mãe dos srs. Rogério Sares Gambito, carpinteiro, e José Armando Sares Gambito, empregado da Sociedade Comercial Abel Pereira na Fonseca, de Faro, e da menina Maria Celisa Sares Gambito.

A falecida, que chegou no comboio correio do passado dia 50, foi acompanhada para o cemitério local por centenas de pessoas, apesar da hora matutina. — e.

Conta Gota

(CONCLUSÃO DA 1.<sup>a</sup> PÁGINA)

### Marla José

O Augusto tem mais uma menina. Tinha já duas, esperava agora um rapaz; bom, esperava contando apenas com o cálculo das probabilidades: como já tinha duas filhas, era natural que... Mas não. Veio a Maria José. Estive lá no domingo. Que moça jeitosa, esta Maria José! Esbraveja no carrinho azul, prende na gente uns olhos onde a luz deixou raízes de pureza, e — não querem ver? — começa a falar. E tem apenas três meses e alguns dias. Uma coisinha tão insignificante, começo a pensar como poderá ser assim tão poderosa. E tão sábia. Porque no seu palrar infante consegue exprimir as ideias mais profundas, mais belas, mais reconfortantes que já foi dado ao meu coração ouvir.

### Moda

Encontrel, há dias, numa livraria a obra de Somerset Maugham «Of Human Bondage» (Serviço humano). Comprei-a, de desejo de ler a obra na língua original. Verifico, chegando a casa, que se trata de uma «abridgement edition», uma edição abreviada... Uma edição americana... O mais curioso é que, no prefácio escrito proposadamente, o autor concorda com a mutilação, argumentando com espírito de autêntico comerciante: «O romancista, que precisa de ganhar a sua vida, é obrigado a aceitar os métodos de publicação comuns na sua época...» «E' influenciado pela moda...» «Um escritor é um louco, se pensa que cada palavra que ele escreve é sacrossanta e que o seu trabalho fica arruinado se lhe omitirem uma vírgula...» Argumentos, como estão vendo, poderosíssimos, dos quais se conclui, especialmente, que «um romancista precisa de ganhar a sua vida...»

Marla Manuela Nunes

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 30 de Abril a 6 de Maio:

### TRAINEIRAS

Levante . . . . .	339.130\$00
Liberta . . . . .	317.550\$00
Leste . . . . .	314.820\$00
Maria Rosa . . . . .	293.310\$00
Raulito . . . . .	223.770\$00
Brisa . . . . .	189.200\$00
Infante . . . . .	178.784\$00
Carmela . . . . .	161.040\$00
Persistente . . . . .	156.950\$00
Flor do Guadiana . . . . .	145.640\$00
Tóluiz . . . . .	117.460\$00
Agadão . . . . .	108.910\$00
Deolinda Rita . . . . .	89.580\$00
Pérola do Guadiana . . . . .	84.510\$00
Brisa . . . . .	84.230\$00
Flor do Sul . . . . .	83.170\$00
Tufão . . . . .	64.540\$00
Sam Domingos . . . . .	3.675\$00
Total . . . . .	2.956.269\$00

### CERCOS

Amazona . . . . .	162.990\$00
Novo S. José . . . . .	78.020\$00
Cruzeiro . . . . .	21.290\$00
Total . . . . .	262.300\$00

### Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 30 de Abril a 6 de Maio:

### Entrados:

HOMBERG, Alemão, de 1820 ton., Cádiz, com carga em trânsito.  
SÃO MACÁRIO, Português, de 1039 ton., de Lisboa, vazio.  
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

### Saídos:

HOMBERG, Alemão, com amêndoa, alfarroba, cortiça, rolhas e conservas para Antuérpia, Roterdão, Amsterdão, Hamburgo e Bremen, e em trânsito para S. Francisco da Califórnia e Checoslováquia.  
SÃO MACÁRIO, Português, com minério e enxofre, para Lisboa.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 7 a 13 de Maio, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —

## VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

## VENDEM-SE

2 depósitos para azeite, com capacidade para 2650 litros, cada, e um grupo moto-bomba, tudo em muito bom estado.

Tratar ao n.º 1356 deste jornal, ou telefone 158.

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# SILHUETAS DO MEU TEMPO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

fidente discreto dos sentimentais do nosso burgo. Vinha ele da pastelaria Trindade, aonde fora ganhar alentos discursivos com um *quod-ore* de média gradação, ao som da «Menina e Moça», do Menano, e saíra divagando ruidosamente, desta sorte:

— «O gente ignara, que não aprecias a beleza das flores, da poesia lírica e da música merencória! Esta noite sinto a alma eufórica e jubilosa. *(In vino veritas!)* Mas os néscios não podem compreender o ideal sublime, e por isso eu desprezo a estultícia humana. Lá dizia o rei Salomão: E' tudo vaidade! E eu estou, como D. Quixote, a fazer uma triste figura... *To be or not to be...* eis o dilema angustiante da minha vida! Mas tu, ingrata pátria, não possuirás meus ossos! Disse-o Cipião, que era general, e digo-o eu, que sou cabo... *Ridi, pagliaccio!*»

Despejava ele esta enfática tirada sobre os transeuntes materiais, quando aconteceu passar ali o juiz, ainda novo na comarca. Ao escutá-lo, não se conteve que não parasse ante o velho Demóstenes popular, maravilhado pela sua eloquência e aparente ilustração, julgando tratar-se de pessoa culta em decadência senil. Havendo-lhe eu explicado quem era, o compreensivo magistrado conveio em que era pena um homem tão bem dotado não ter conseguido cursar uma carreira. E tinha razão.

Ora, na mesma altura em que melhor conheci e admirei o cabo Cordeiro, por ser quase meu vizinho — rodava então o ano de 1935 — encontrava-se a dirigir a filarmónica um ex-sargento-músico militar, nortenho (julgo que minhoto). Era homem tronchado, de voz gritante e fala pejada de metáforas, cinquentão bem conservado e pai de numerosa prole, que o assediava em qualquer local e que ele tinha de sacudir de seu redor, como às melgas...

Este mestre filarmónico era igualmente um «caso» deveras caricato e teve, portanto, a sua história. Era conhecido aqui por mestre «Azor», seu pseudónimo charadístico, visto ser, além de músico, um cultivador fanático do Edipismo, cujas sementes lançou nestas paragens. Tendo logrado arranjar número apreciável de prosélitos, fundou no quinzenário local desse tempo, «A Foz do Guadiana», uma secção charadística de que era director e onde também eu colaborava.

Era este músico um pouco espalhafatoso e ratão a reger, tresandando a zabumba e cavaquinho de romaria minhota, mas exímio nas polcas de cornetim, que executava a «solo», com estridente e peregrina desenvoltura, em pleno coreto. Diziam-no até mais charadista que músico, já que, durante algum ensaio ou concerto, se

calhasse virem propor-lhe charadas, era certo esquecer logo instrumento e batuta, e cair *incontinenti* em transe edípico... Foi mesmo por via das charadas e logógrafos que veio a deixar a banda pombalina, transferindo-se para Moura, como regente, porque o seu furor pelo «passatempo da esfinge» fazia-o descurar um pouco lições e ensaios, a fim de entregar-se ao favorito desporto mental, em tertúlias enófilas, nas capelinhas do pai Noé.

Estava ele, uma tarde, com mais uns discípulos, pontificando num dos habituais serões literários, na «ermida» da tia Laura, e oferecendo a prémio as suas *viuvinhas e órfãos* (garrafas e copos de tinto) para quem decifrasse enigmas postos de improviso, quando adreço de ali aparecer o famoso cabo Cordeiro, a retemperar a veia oratória. Foi obra dum credo intrómetem-se logo ambos, quais galos de combate, em despique de sabedorias linguísticas. E para início do torneio, salta-lhe à liça o cabo com esta pergunta «de algibeira»:

— «Qual o nome de animal, não sendo sagui nem javali, que também termina em «i»?»

O nosso charadólogo pirotécnico pesquisou no bestunio qual seria o bicharoco, remoeu em seco, e entupiu. Então o outro, vitorioso: — «E' o boi!» E ganhou o primeiro ponto, prosseguiu, chocarreiro, no meio da expectativa geral:

— «Veja lá agora o sr. mestre se mata este enigma em duas quadras:

*Não tem cor, sabor nem cheiro,  
Não faz bem nem mal à gente;  
Só se vê na escuridão,  
Só quem está morto é que o sente.*

*Foi dele que o mundo veio;  
Todos os mortos o comem,  
Mas tê-lo por alimento  
Seria a morte do homem.*

Outro compasso de espera, enquanto o charadista, em apuros, dava tratos à imaginação, consultando, aflito, o arquivo mental. Por fim, novo fiasco se produziu, porque o sabichão do «Azor» mais uma vez fora batido no seu próprio terreno.

— «Pois saiba que é o «Nada!» — dispara-lhe — E o melhor é não tornar mais a dizer-se mestre, pelo menos em charadas e enigmas!» — remata o cabo Cordeiro, ao sair, triunfante, enquanto uma típica «arrilhada» coroava o desaire do nortenho.

E o caso foi que o famigerado músico-charadista, corrido «em osso», não tardou em pedir a demissão como director da secção edípica do jornal, e sempre que algum gracioso, por zombaria, afirmava: «ai vem o cabo Cordeiro!», o mestre escaldado punha ponto à conversa, alinhavava uma desculpa e retirava-se, de orelha murcha, enquanto os confrades riam à sorrelfa.

Era de força, o nosso Cícero popular... **Fernando Morais**



## DESporto FUTEBOl

**OLHANENSE, 3 VITÓRIA DE SETÚBAL, 2**  
Os locais realizaram excelente partida

Conforme já noticiámos, a equipa de honra do Vitória de Setúbal, acedendo ao convite feito pelos dirigentes locais, deslocou-se à vila cubista para tomar parte nas Comemorações do 43.º aniversário do popular e histórico clube algarvio.

Logo que a notícia foi posta a circular, criou-se à volta do encontro grande expectativa.

Tinha-se a feliz oportunidade de ver em acção, depois quatro anos — desde a saída do Olhanense da I Divisão — a valorosa equipa da cidade do Sado, que tão excelente classificação conseguiu no Nacional há pouco terminado.

A ideia dos dirigentes algarvios trazer a Olhão um clube de primeira divisão era realmente de apoiar.

Mas com quem se ia defrontar o Vitória?

Teriam pensado os dirigentes olhanenses que dispunham de «team» à altura para resistir à maior técnica dos adversários?

Com certeza, sim! Eles apenas viram o encontro como espectáculo desportivo e não se preocuparam, pois, qual pudesse ser o desfecho da partida.

Eis as formações:

**Olhanense:** Abade; Ezequiel, Tavares e Passos; J. Fernandes e Toupeiro; Simões, Nuno, (internacional júnior), Rangel, Del Duca e Eminência.

**Vitória:** Baptista; M. Joaquim, Orlando e Aniceto; Vaz e Pinto de Almeida; Bastos, Soares, Rosário, Casaca e Barbosa.

**Primeiro tempo:** 1-1. Golos de Fernandes, nas próprias redes, e Rangel.

**Segundo tempo:** 2-1. Golos de Del Duca e Parra e, pelos setubalenses, Casaca.

Iniciado o encontro, a equipa visitante lançou-se logo ao ataque criando perigos constantes, os quais eram salvos, ora pela defesa, ora pelo guarda-linhas Abade. Os primeiros trinta minutos foram de domínio intenso dos visitantes, que apenas marcaram um golo por falta de sorte do defesa olhanense Fernandes, que, ao interceptar uma jogada, fez anichar a bola nas próprias redes.

Parecia com este golo que o Olhanense desanimaria, mas sucedeu o contrário, pois desde então começaram a atacar com vivacidade e

energia, e até que Rangel, de cabeça, fez o empate, após jogada interessante do extremo Simões.

Desde então, o clube local só não marcou mais golos por manifesta falta de sorte. E o primeiro tempo terminou com a igualdade.

Os técnicos de Olhão, embora nunca tivessem pensado em ver terminar o primeiro tempo com o seu grupo empatado, fizeram algumas substituições, a atestar que o resultado final não interessava.

Para a baliza entrou o suplente Silva. Na defesa, entraram os juniores Beato e Reina, respectivamente, para defesa esquerdo e médio de ataque, e para o quinteto dianteiro, entrou o internacional Parra, que substituiu também o internacional Nuno.

Só quem assistiu a este encontro amigável pode abertamente declarar que os juniores que entraram foram os principais obreiros da vitória final.

Eles foram uns autênticos gigantes, e provaram que têm valor. Que o valor que mostraram nas competições juvenis, podem mostrá-lo nas competições de seniores.

O Olhanense fez quarenta e cinco minutos de excelente futebol. Com passagens curtas, e inteligentes e bem delineadas por Reina, Bento, Del Duca e Parra, enfiavam facilmente pela defesa contrária e rematavam sempre com perigo. E assim, ninguém se admirou que a partida tivesse sido ganha pelo Olhanense. Del Duca e Parra fizeram os dois golos do segundo tempo; em jogadas que ficarão na memória de todos os olhanenses.

Sobre este encontro nada há mais a dizer, senão elogiarmos, como realmente merecem, os internacionais Nuno e Parra e Bento e Reina.

Ficou mais que provado que o Olhanense pode contar com eles. Trabalhando com juniores o clube não morrerá...

### TAÇA DE PORTUGAL

O Porto joga hoje em Olhão

A taça de Portugal principia hoje, e o sorteio deu os seguintes jogos hoje no Algarve. Em Olhão: Olhanense-Porto. Em Portimão: Portimonense-Braga e em Faro: Farense-Portalegrense. Fazemos votos para que os clubes algarvios passem estes obstáculos embora pareçam difíceis.

Herulano Valente

## CINE-POZ

Apresenta, hoje, a encantadora comédia, em ténicolor, *O homem tranquilo*, com John Wayne, Maureen O'Hara, Barry Fitzgerald e Victor Mac Laglen.

A história de um homem e uma rapariga que se amam e repelem. Quanto mais se hostilizam, mais se aproximam um do outro, no decorrer de um feixe de peripécias cujo desfecho desmorteia a expectativa. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Quinta-feira, 12, grandioso programa duplo.

*A fortaleza de Alger*, com Yvonne de Carlo e Carlos Thompson. Milhares de cavaleiros árabes pelejando contra a Legião Estrangeira pela possessão de valiosos poços de petróleo.

*Areias movediças*, com Mickey Rooney e Peter Lorre.

Drama intenso de um jovem a quem a primeira paixão leva a um roubo, e este ao caminho do abismo. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

### Empregada ESCRITÓRIO

Para praticante 13/14 anos precisa-se. Informa nesta redacção.

## COLUMBOFILIA

No prosseguimento da campanha desportiva, realizou o Grupo C. Guadiana, desta vila, os concursos de Portalegre e Salamanca (Espanha), sendo apurados os seguintes resultados:

**Portalegre:** 232.000 metros. Casimiro Leitão, 1; André Roque, 2; Manuel Forra, 3, 11 e 21; José A. Oeiras, 4; Isidoro Palma, 5 e 9; Jacob Ribeiro, 6; dr. Manuel Vargas, 7, 8, 16, 17, 18 e 19; Manuel Custódio, 10 e 14; António Vargas, 12, 13 e 23; Gervásio Estêvão, 15; António Vicente, 20; João Alexandre, 22.

**Salamanca:** 444.000 metros. dr. Manuel Vargas, 1 e 4; António Vargas, 2; André Roque, 3 e 10; Gervásio Estêvão, 5; Casimiro Leitão, 6; António Vicente, 7; Manuel Forra, 8; Isidoro Palma, 9.

Classificação actual do campeonato:

1.º António Vicente, 198 pontos; 2.º dr. Manuel Vargas, 182 pontos; 3.º José C. Oeiras, 133 pontos; 4.º António Vargas, 123 pontos; 5.º Gervásio Estêvão, 117 pontos; 6.º Manuel Custódio, 116 pontos; 7.º André Roque, 112 pontos; 8.º Isidoro Palma, 108 pontos; 9.º Manuel Forra, 103 pontos; 10.º J. Branquinho, 101 pontos; 11.º J. Parreira, 88 pontos; 12.º Amândio Joaquim, 77 pontos; 13.º J. Alexandre, 41 pontos; 14.º Jacob Ribeiro, 39 pontos; 15.º Casimiro Leitão, 38 pontos; 16.º Pereira Leal, 27 pontos; 17.º Manuel Patrocínio, 9 pontos; 18.º Luís Currito, 6 pontos.

A. R.

## Clube Recreativo Lusitano

Vila Real de Santo António

### CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral Extraordinária para o dia 9 do corrente, pelas 21,30 horas, para resolução de importantes problemas relativos à Sede do Clube Recreativo Lusitano.

No caso de na 1.ª sessão o número de sócios ser insuficiente funcionará a mesma 1/2 hora depois, com qualquer número.

Vila Real de Santo António, 2 de Maio de 1955.

O Vice-Presidente da Mesa  
Manuel Francisco d'Horta

## Papel Vegetal

Vende, aos melhores preços, Clemente & Filhos, Lda., Telefone 92, Vila Real de Santo António.

## NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. Manuel Cardoso da Cruz e José António Claro.

Também por intermédio dos nossos prezados assinantes e conterrâneos, srs. António Correia Monchique e Agostinho Martins da Rosa, inscrevemos como assinantes do nosso jornal, respectivamente, os srs. António G. Caldeira, de Altura-Cacela, e Jaime Marques, de Portimão.

A todos, os nossos agradecimentos.

## Guarda-Livros

Jovem, de 23 anos, co-laborador deste jornal, oferece-se para Guarda-livros, ajudante de Guarda-livros ou lugar compatível em qualquer empresa comercial ou industrial. Resposta a este jornal ao n.º 1355.

Visado pela Comissão de Censura

## Atenção

O proprietário do Café Restaurante «JANELAS VERDES» participa à sua vasta clientela, de Vila Real e de todo o Algarve, que já vende **CERVEJA DE BARRIL.**

AS MAIS VARIADAS TAPAS HÁ SEMPRE MARISCOS  
LUÍS FÉLIX

## Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

# AVISO

## RECENSEAMENTO ELEITORAL

António Joaquim de Almeida, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal:

Faço saber que, pelo espaço de 10 dias, se acha exposto nos Paços deste Concelho, para efeitos de reclamação, o Recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional e do Presidente da República, referente ao ano de 1955.

Os interessados, ou outros que estivessem inscritos no Recenseamento ao pretérito ano, podem apresentar as suas reclamações ao Presidente da Câmara Municipal, em papel comum, e instruídas com os documentos convenientes, até ao dia 10 de Maio.

As reclamações, que devem ser assinadas pelo reclamante ou por um procurador, com a assinatura reconhecida por notário, só podem ter por objectivo:

- 1.º — Eliminação do recenseamento dos eleitores indevidamente inscritos;
- 2.º — Inscrição, na altura própria, dos cidadãos que, tendo requerido a sua inscrição ou devendo ser inscritos oficialmente, deixaram de o ser.

Para conhecimento de todos os interessados e em cumprimento do referido decreto, publico o presente aviso, que faço afixar em todos os lugares públicos do Concelho.

Paços do Concelho, 80 de Abril de 1955.

António Joaquim de Almeida

## VENDE-SE BARATO

1 Barco de enviada denominada «Albatroz 2.º», com 15 metros e motor Gleniffer 80 HP, estado de novo.

1 Barco de enviada denominada «Mar Azul», com 13,88 metros e motor Skandia 50 HP.

Facilita-se pagamento.

Dirigir ao Apartado 52 — PORTIMAO

## CASINO DE MONTE GORDO

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António aceita propostas para exploração da sala de Bailes, Restaurante e Bar, durante a época balnear deste ano, até às 15 horas do dia 25 de Maio corrente.

As condições encontram-se patentes na Secretaria.

S. R.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

## Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

### Concurso público para arrematação da empreitada de Construção da Doca de Pesca de Vila Real de Santo António

Faz-se público que às 15 horas do dia 8 de Julho de 1955 se procederá, na sede desta Direcção-Geral na Rua de S. Mamede ao Caldas, n.º 23, ao concurso público acima designado.

Base de licitação . . . 13.600.000\$00  
Depósito provisório . . . 340.000\$00

O processo do concurso encontra-se patente na Direcção dos Serviços Marítimos da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, na rua Eugénio dos Santos, n.º 179, e na sede da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, em Faro.

Lisboa, 6 de Maio de 1955.

O Engenheiro Director-Geral,  
Manuel Rafael Amaro da Costa

Latas vazias, brancas, tipo 10 quilos servidas de atum, em muito bom estado, vendem-se cerca de 5.000, próprias para anchar biqueirão.

Resposta ao apartado n.º 62 — SETÚBAL

## RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

## RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

Geralmente, as épocas são rotineiras, colectivamente consideradas. Só os indivíduos são subversivos, revolucionários, rebeldes ao que está, aspirando a novos mundos. As épocas costumam encarnar uma ortodoxia de cimento armado, disposta a esmagar toda e qualquer heresia que deita a cabeça de fora. Foi Sócrates quem fez a revolução, foi a época quem o condenou a beber a cicuta. Foi Jesus quem soterrou o mundo antigo. Foi a rotina da época que o pregou num madeiro.

O HOMEM, O ANJO E A BESTA

A civilização material vai num sino. Cresce em progressão geométrica. A civilização moral é doutra loiça: segue num ritmo muito mais retardado. Indo o sol já a pino no mundo da técnica, mal rompeu, por enquanto, o dia, no mundo da perfeição interior.

Se as duas civilizações — a técnica e a ética — caminhassem sintonizadas, o homem já teria subido tantos metros na escala da bondade, que rasaria, a esta hora, pela casa dos anjos.

Infelizmente, porém, dá-nos a impressão de ter descido tantos furos, que até parece rasar pela casa da besta.

DECLARAÇÕES DE DIREITOS

& DECLARAÇÕES DE DEVERES

A história humana está cheia de declarações de direitos — umas ostensivas, outras discretas. São doutra loiça as declarações de deveres. Correu uma destas declarações, nos tempos da Revolução Francesa. Mas circulou clandestinamente, como coisa indecente, quase como coisa obscena, porque falar de deveres ao homem é como quem a este arranca, não um dente, mas todos os dentes, de uma assentada e sem anestesia.

E, no entanto, e bem feitas as contas da ética, o homem só tem um direito: é o de cumprir o seu dever, para empregarmos o aforismo de Augusto Comte.

Mas, então, o homem não tem direitos a reivindicar? Claro que tem. Embora hoje menos do que noutros tempos, em que uns quantos homens supunham ter feito monopólio dos direitos, exigindo, do resto da humanidade, deveres e só deveres.

Todavia, já é tempo, mais do que tempo, de gregos e troianos começarem a cumprir religiosamente os seus deveres, Varra cada um a sua testada, e a rua ficará varrida. Cumpra cada um o seu dever, e os direitos ficarão respeitados.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

# Orfeão de Tavira

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Fomos, e gostámos. Diremos mais: a apresentação revelou-se uma verdadeira surpresa, dada a categoria da interpretação dos vários números e a excelente afinação das vozes dos orfeonistas. Honra aos componentes, briosos rapazes e gentis meninas tavirenses, e lugar saliente ao ensaiador e regente, sr. Sebastião Leiria, pelo acerto e correcção que conseguiu obter dos naipes.

No conjunto orfeónico, salientamos a rigorosa interpretação vocal na «Morte de Asa», de Grieg, em que todas as nuances e acordes dissonantes foram absolutamente observados. Também a pequena mas deliciosa peça de Júlio Dantas «Rosas de todo o ano» esteve muito bem desempenhada, para artistas amadores, merecendo Olga Soares aplauso especial pela sua integração na personagem duma freira que continua a viver, pelo coração, no mundo onde sofreu e ainda amou. Muito nos agradou a declamação dos seus dois números, em que foi distinta.

Da revista folclórica, sobressaiu a vivacidade da interpretação, em que houve a registar alguns números de música original interessante e agradável.

Fez a apresentação do espectáculo o nosso estimado amigo e distinto musicista sr. Alvaro Magno Guerreiro, que, em breves mas expressivas palavras, se desincumbiu do encargo, com o seu brilho habitual, frisando com certa amargura, que «Vila Real foi uma terra de música e de teatro. Dois grupos teatrais, com orquestras privadas, existiram aqui. Um deles, de grande nomeada, o «Grupo Thalia», teve no seu conjunto verdadeiros actores-cantores e exe-

# Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

## RETALHOS DO MUNDO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

cheguei à conclusão de que, por vezes, um só colaborador faz, enche completamente um periódico — dá-lhe alma. E' o caso da ilustre autora de «Conta Gotas».

São notas de ternura, sinfonias de cor, pedaços intensos de verdade — arrancados à própria vida.

São instantâneos daqueles sessenta segundos que constituem o minuto — sobre os quais as multidões, regra geral, já mais se debruçam, se detêm, passam indiferentes.

E, todavia, frequentemente, essa minúscula «gota» contém todo um Oceano, um hino à vida, toda uma partitura — a essência de Deus... o Infinito.

«Conta Gotas» tem o perfume da Primavera, a verdade de Velasquez ou Goya, o abismo de muita alma...

HÁ dias, um jovem austriaco, que pela primeira vez veio a Portugal, confessou-me intrigado:

— «O que me espanta é que, sendo aqui o país do vinho por excelência, e havendo-o até em demasia, tanta água se reclame, e se venda!!!»

O segredo de polichinelo; a observação daquele que está fora do jogo e que, quase sempre, vê mais que os parceiros sentados à mesa, atentos às vazas, às marcações...

Falta, apenas, que a importemos também... tal como acontece já com muitas outras bebidas, quanta zurrapa para cá querem mandar e que, por ser «chic», tragamos. Admira é que a «Coca-Cola» ainda não tenha chegado!!!

O «Porto», esse precioso néctar, esse vinho de optimismo e de elegância... continua a dormir o sono senil... nos armazéns de Gaia! Carlos de Ribom

## VIDA LITERÁRIA

POR JOÃO A. MENDES LEAL

### POEMAS INÉDITOS, de Fernando Pessoa

«Coleção Poesia» — «Edições Ática» — Lisboa

Este é o sétimo volume das Obras Completas de Fernando Pessoa, compiladas e editadas pelas Edições Ática, e incorporado na já conhecida Coleção «Poesia» iniciada por Luís de Montalvor.

Vinte anos depois da morte do que foi grande poeta, ainda aparecem, no seu valiosíssimo espólio, poemas e quadras soltas que o público continuava a ignorar. A reunião destes poemas inéditos, escritos entre os anos de 1930 e 1935, levantou problemas terríveis, tão terríveis, mesmo, que alguns ficaram sem resolução. E' o caso que Fernando Pessoa, quando a inspiração o assaltava e lhe impunha que escrevesse, lançava os seus versos, numa caligrafia apressada e confusa, sobre qualquer espécie de papel que tivesse à mão. E assim, muitas das suas obras agora apresentadas neste volume foram descobertas, por exemplo, em pedaços de jornal e em forros de envelopes já usados. Muitos passos ficaram duvidosos, como o sublinha, aliás, o prof. Vitorino Nemésio, e nenhum dos três compiladores garante uma versão absolutamente incontroversa. Seja como for, e sejam quais forem as lacunas que ficaram por preencher, ao fazer-se a decifração dos hieroglifos de Fernando Pessoa, o facto é que estas «Poesias Inéditas» revelam bem, a cada momento, a centelha verdadeiramente genial que as ditou.

E' que a saudade faz viver, E faz ouvir, e ainda ver, Tudo o que foi e escabará Antes que tenha de o esquecer Como a floresta esquece já.

A edição deste volume de poesia de Fernando Pessoa é magnificamente cuidada, quase luxuosa, e valorizada com notas de Vitorino Nemésio, uma advertência de Jorge Nenesio e com uma reprodução dum quadro a óleo da autoria de Almada Negreiros.

Aos amantes de poesia, da boa poesia, não podemos deixar de recomendar mais este conjunto de obras do grande artista que foi, indiscutivelmente, Fernando Pessoa.

Englobada na Coleção «Dois Mundos», das Edições Livros do Brasil, acaba de aparecer nas livrarias a célebre obra de Somerset Maugham, «Chuva», de mistura com outras novelas do mesmo autor. E' uma lacuna que se preenche, e que os leitores portugueses por certo saberão apreciar devidamente. O cinema e o teatro fizeram de «Chuva» um extraordinário caso de popularidade, aliás plenamente justificada. No próximo número de VIDA LITERÁRIA, faremos uma breve apreciação crítica a este volume de novelas saídas da pena famosa do grande Somerset Maugham.

Englobada na Coleção «Dois Mundos», das Edições Livros do Brasil, acaba de aparecer nas livrarias a célebre obra de Somerset Maugham, «Chuva», de mistura com outras novelas do mesmo autor. E' uma lacuna que se preenche, e que os leitores portugueses por certo saberão apreciar devidamente. O cinema e o teatro fizeram de «Chuva» um extraordinário caso de popularidade, aliás plenamente justificada. No próximo número de VIDA LITERÁRIA, faremos uma breve apreciação crítica a este volume de novelas saídas da pena famosa do grande Somerset Maugham.

### NOTICIÁRIO

Surge nas montras das livrarias um livro intitulado «A minha vida de piloto de ensaio», de que é autor o famoso aviador francês, recentemente falecido, Rozanoff. Ele foi o maior piloto de experiências com que a França podia contar e, certamente, um dos maiores «virtuosos» do ar dos tempos modernos. Dizia ele, a propósito desta sua biografia: Nada me destinava a escrever a minha vida. Uma vida não se escreve, faz-se, apenas. Mas li tantas enormidades acerca do meu officio, que julguei necessário pôr as coisas nos seus devidos pés.

A morte veio a surpreendê-lo na página 137, e foi Marcel Julian quem redigiu as últimas folhas. Edição de Amiot-Dumont, de Paris.

«Les Saints de Glace» é o título da edição francesa do primeiro romance da escritora inglesa Antónia White, e acaba de ser lançada no mercado por conta das Edições Albin Michel. Julien Green dedicou-lhe uma crítica extremamente favorável, e tanto basta para garantir o êxito desta obra, em França.

Anuncia-se a atribuição, em França, de mais os seguintes pré-

● A Livraria Coimbra Editora está a publicar uma obra em fascículos, que se intitula «Coimbra, na Lenda, na Literatura e na Arte», e que é dirigida pelo dr. António Correia, conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade. Esta publicação, que reúne textos dos mais categorizados escritores portugueses e brasileiros, de ontem e de hoje, peca excessivamente pelo seu atraso na entrega aos seus assinantes e pela sua irregular periodicidade. Nada há que justifique satisfatoriamente estas duas deficiências, que são de lamentar e que, muitas vezes, bastam para assegurar o fracasso duma futura edição do mesmo género levada a cabo pela mesma casa editora.

● As Edições Fólio, de Lisboa, prosseguem na publicação da célebre obra de Cervantes, «D. Quijote de la Mancha», em tradução de Aquilino Ribeiro e com ilustrações de Lima de Freitas. A edição, que é mais pomposa do que luxuosa, fazia falta aos bibliófilos portugueses e é de supor que tenha tido o bom acolhimento que, na verdade, merece. Os fascículos surgem com esplêndida regularidade, e não tardará muito até que o famoso romance do conhecido fidalgo se complete.

● Falando ainda de obras em fascículos, saudemos a aparição nas livrarias da nova edição dos Estudos COR, «Para compreender a pintura», de que é autor Lionel Venturi. Espera-se que venham a ser precisos 25 tomos para completar este trabalho, e não há dúvida de que esta era a única forma de tornar acessível a um público de recursos medianos uma obra de tamanha envergadura e luxo. Brevemente, faremos também umas breves apreciações a mais este grande empreendimento dos nossos conhecidos Estudos COR.

● Brevemente, far-se-á uma edição especial do romance de Ferreira de Castro, «A Selva», ilustrada pelo grande pintor brasileiro Portinari. A edição, que será limitada a pouco mais do que o número de inscrições, sairá pelo preço acessível (1) de 150\$000. E quem é que falou para aí em crise do livro?...

● Hellmut Kirst, o famoso autor do romance «08/15», esteve em Paris, e embora passasse menos despercebido do que a Lolobrigida, nem assim deixou de ser entrevistado pelo grande semanário «Les Nouvelles Littéraires», a propósito daquela sua obra que tanta celeuma tem levantado na Alemanha Ocidental. Kirst teria declarado à imprensa: O que eu ataco é o sistema militar tal como era praticado. Sob a influência do meu livro, a ideia duma modificação das condições de vida numa caserna ganhou muitos pontos entre o público leitor. A ironia é uma arma mais eficaz do que os gritos.

● Acaba de aparecer o 5.º volume da «História da Música», editada pela conhecida casa A. Colin, de Paris. O primeiro tomo era dedicado à música, desde as suas remotas origens até ao séc. XVII, o segundo aos séc. XVII e XVIII, e este terceiro ao século passado. Preço dos três volumes — 5.000 frs.

● Surge nas montras das livrarias um livro intitulado «A minha vida de piloto de ensaio», de que é autor o famoso aviador francês, recentemente falecido, Rozanoff. Ele foi o maior piloto de experiências com que a França podia contar e, certamente, um dos maiores «virtuosos» do ar dos tempos modernos. Dizia ele, a propósito desta sua biografia: Nada me destinava a escrever a minha vida. Uma vida não se escreve, faz-se, apenas. Mas li tantas enormidades acerca do meu officio, que julguei necessário pôr as coisas nos seus devidos pés.

A morte veio a surpreendê-lo na página 137, e foi Marcel Julian quem redigiu as últimas folhas. Edição de Amiot-Dumont, de Paris.

● «Les Saints de Glace» é o título da edição francesa do primeiro romance da escritora inglesa Antónia White, e acaba de ser lançada no mercado por conta das Edições Albin Michel. Julien Green dedicou-lhe uma crítica extremamente favorável, e tanto basta para garantir o êxito desta obra, em França.

Anuncia-se a atribuição, em França, de mais os seguintes pré-

## eco duma saudade...

(Aos poetas do meu Algarve)

Aqui no meu Algarve abençoado, Onde o mar docemente vem cantando Suas canções saudosas, lembrando A grandeza dum tempo já passado!

Sim, neste meu Algarve tão amado, De cristalinas fontes murmurando, Cantando o rouxinol, suave e brando, E de manhã em flor, de sol doirado!

Aqui, ó Mocidade! oiço um lamento Na voz duma paisagem que me encanta, Como se fosse a voz do próprio vento!...

Um eco de poeta... e a dor é tanta... — Duma saudade enchendo o firmamento! — De alma que soluça, chora e canta!...

JORGE DA SILVA

## SERVE-NOS A CIVILIZAÇÃO?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

as blusas de «nylon» e as camisas de seda?

A civilização criou em nós um conjunto de necessidades. A mulher exige que os grandes costureiros lancem em cada quadra a sua moda, para que ela possa variar de indumentária. O homem sente prazer em pôr um fato para cada acto de trabalho, de desporto ou de gala. A criança quer o brinquedo, elas a boneca que fala e anda, eles o carro que se conduz com uma simples alavanca que faz o contacto da bateria com o motor que moverá as rodas, o combóio eléctrico que se manobra da cabine, o submarino que mergulha ou o planador que voa. A família exige da ciência o remédio que cure cada um dos seus componentes, em qualquer doença que possa surgir. O lar tem também as suas exigências, a comodidade das compras semanais, com o frigorífico, o prazer do aparelho de televisão, a recordação encontrada numa fotografia a três dimensões, a máquina que encera e a que lava.

E para tanta e tanta coisa que o nosso desejo gostaria de se ver satisfeito, nós trabalhamos, cansamo-nos desde manhã até à noite, acumulamos afazeres; o marido já não é muitas vezes o único a constituir o salário do agregado familiar, mas a mulher e até os filhos, o auxiliam no seu aumento.

Mas então civilização, ciência ao serviço do homem para lhe conseguir uma maior alegria de viver, só redonda em sacrifício? Há um erro em tudo isto. Esse erro assenta, quanto a mim, no facto de muitas vezes olvidarmos estas duas verdades:

— É necessário que tenhamos fé no nosso trabalho quotidiano, e tenhamos a certeza de que melhores dias virão para os nossos;

— É preciso que a técnica, ao transformar em útil o que a ciência criou, o faça para bem do homem.

Para constituirmos o nosso lar, temos de ter em atenção que o lugar da companhia é em casa, olhando por este e pelos filhos que Deus nos quiser dar. Temos, portanto, que usufruir a que o mínimo indispensável para que possamos ter essa regalia, que é justa, ao cumprirmos aquele mandamento: crescel e multiplicai-vos.

Temos de ter trabalho que tenha a remuneração bastante para podermos constituir família,

mios literários: Prémio Max Jacob, a Maria Joséphe, pelo seu volume «Les Yeux cernés». Do júri fazia parte o novo académico Jean Cocteau. Prémio Saint Exupéry, criado pela revista «Lyonnais» e destinado a consagrar um livro de contos e novelas, entregue, pela primeira vez, a Laurence Duparc, pelo seu trabalho.

De 25 a 30 de Abril, reunirá o Conselho Literário do Principado de Mónaco para atribuir, pela quinta vez, o prémio Raimier III, no valor de 500.000 francos franceses!

Numa venda de manuscritos de individualidades famosas, levada a efeito em Londres, uma carta de Henrique IV de França valeu 165.000 francos, enquanto que um ensaio romanesco de Napoleão foi adquirido pela importância de 2.300.000 francos!

esse lar tem de ter um abrigo cujo encargo mensal seja compatível com os nossos proventos, temos de poder alimentar a família e educar os nossos filhos, devemos poder usufruir aquele mínimo de comodidades que a civilização para nós criou.

Por outro, a técnica, sempre dóida de progresso, tem de buscar junto da ciência o que esta produz, para que possa criar novas formas que venham proporcionar o bem à Humanidade.

Mas o industrial, ao montar a sua maquinaria, deve pensar que só servir o homem se for capaz de realizar um produto que verdadeiramente o sirva, e o comerciante, ao lançá-lo no mercado, deverá ter em atenção que o seu preço deve ser compatível com as possibilidades materiais daqueles que ele pretende servir.

Construir um aparelho de televisão cujo custo seja tal que só a ricos sirva, manufacturar um meio de transporte que não seja acessível a todo o trabalhador, dar um espectáculo cujos bilhetes se tornem proibitivos, compor um medicamento cuja aquisição seja dificultada pela carência de dinheiro, e tudo o mais em moldes análogos, não é servir o homem.

Há, portanto, necessidade, não de proibir a remuneração do capital empregue, não de limitar o provento do cargo exercido, mas de, ao dar efectivação ao que a ciência produz para bem da Humanidade, servir essa mesma Humanidade.

Então sim, trabalhou-se para bem d'Ela, dispenderem-se energias proveitosas, desde o laboratório ao gabinete técnico, desde o produtor da matéria prima ao que a transforma, desde a casa comercial ao colocador de produtos. De contrário, ao pretendermos desenvolver a civilização, não efectuamos progresso, mas simplesmente, criamos uma legião de revoltados, destruímos os lares e, pior ainda, criamos na criança a incerteza da sua vida no amanhã.

Abril — 1955

Visconde de Almeida Garrett

## Viagem Presidencial

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

seguiu depois para Bolama, e depois de visitar outras cidades e povoações, estará de novo em Bissau a 13 do corrente.

Inicia-se, depois, o itinerário pela provincia de Cabo Verde, e a 27 de Maio o sr. general Craveiro Lopes iniciará o regresso a Metrópole, visitando também a Ilha da Madeira.

Quando, em 1 de Junho, o Chefe do Estado estiver novamente na capital portuguesa, terá finalizado uma visita presidencial que, honrando as provincias ultramarinas da Guiné e de Cabo Verde com a presença do Supremo Magistrado da Nação, é de profundo e evidente interesse nacional.